cadernos
para o
PROFESSOR

A EXPERIÊNCIA DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

ADEBIANO ROBERT RODRIGUES PEREIRA[1]
https://orcid.org/0009-0003-8643-5717
adebiano.pereira@educacao.mg.gov.br

RESUMO
A História Oral tem ganhado espaço no âmbito da educação, em especial a partir da valorização da narrativa docente. Contudo, não verificamos o mesmo em trabalhos que abordam e aplicam a História Oral como método de ensino de História. O presente trabalho visa analisar os ganhos obtidos a partir da disciplina eletiva de História Oral no Novo Ensino Médio no ano letivo de 2024. Focamos no uso da disciplina para desenvolver um entendimento da História com *status* de ciência e promover a compreensão metodológica da produção do conhecimento ao elaborarem suas próprias narrativas. Iremos dividir nosso trabalho em três partes; na primeira, realizamos uma discussão sobre a fundamentação teórica no campo da História Oral que orientou as reflexões, o planejamento e a prática da disciplina de História Oral. Na segunda, descrevemos a experiência realizada com a disciplina. E, por fim, iremos realizar um balanço sobre os ganhos pedagógicos obtidos no ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História. História Oral. Novo Ensino Médio.

SUMMARY
Oral History has gained space in the field of education, especially with the appreciation of teaching narratives. However, we did not see the same in works that address and apply Oral History as a History teaching method. The present work aims to analyze the gains obtained from the elective course of Oral History in the New High School in the academic year 2024. We focus on using the discipline to develop an understanding of History with the status of science and promote methodological understanding of the production of knowledge when developing their own narratives. We will divide our work into three parts. In the first, we held a discussion on the theoretical foundation in the field of Oral History that guided the reflections, planning and practice of the Oral History discipline. In the second we describe the experience carried out with the discipline. And, finally, we will take stock of the pedagogical gains obtained in teaching History.

Keywords: History Teaching. Oral History. New High School.

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2023, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais abriu edital para que professores propusessem disciplinas eletivas para o Novo Ensino

[1] Professor na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e na Secretaria de Educação de Juiz de Fora. Juiz de Fora, Minas Gerais (MG). Brasil. Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2016) e especialista no ensino de História.

Médio, que iriam compor o Catálogo de Eletivas de 2024.[2] Entendemos que a busca de alternativas aos métodos que tradicionalmente têm caracterizado o ensino de História se coloca na ordem do dia. Comumente, o ensino de História tem sido marcado pelo que chamamos “marcas de nascença” da História, ou seja, a formação de cidadãos segundo um determinado projeto de Estado-nação, frequentemente associado à ideia de “informar sobre o passado” e não raramente se dedica a exaltação dos “heróis nacionais”. Uma história alheia a vida dos estudantes e, por vezes, desinteressante que contrasta com a velocidade e quantidade de informações disponíveis que bombardeiam a todos diariamente. Por outro lado, nos propusemos a pensar como desenvolver estratégias de ensino que colocassem a História como resultado de disputas sociais pela memória coletiva e reconstrução do passado. Apresentando o componente curricular com *status* de ciência, revelando métodos de produção do conhecimento histórico e, principalmente, colocando os estudantes no centro do processo de ensino-aprendizagem como atores e produtores de suas próprias histórias.

Interessado em desvendar alguns métodos de produção do conhecimento histórico, propusemos duas disciplinas para compor o catálogo que foi disponibilizado para toda a rede estadual, sendo a disciplina chamada História Oral eleita pelos estudantes do 1º ano do Ensino Médio para o ano letivo de 2024, na Escola Estadual São Pedro. A centenária escola se encontra no pequeno município de Piau, encravado na zona da mata mineira há poucos quilômetros de Juiz de Fora. O município conta com cerca de três mil habitantes e sua economia se orienta pela agricultura familiar. A localidade é atendida por duas escolas, uma municipal que oferece o ensino nos anos iniciais do ensino fundamental e a Escola Estadual São Pedro que atende os anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

O presente trabalho visa realizar um balanço da experiência na condução da disciplina eletiva de História Oral e seus ganhos para o ensino de História. Ao realizar a proposta tínhamos em mente o conceito de literacia histórica (ou letramento histórico) proposto por Peter Lee (2006). Segundo o autor, qualquer

[2] MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Catálogo de Eletivas 2024.** Belo Horizonte: SEEMG, 2023.Disponível em: <https://www.educacao.mg.gov.br/documentos-legislacao/anexo-4-catalogo-de-eletivas/#gallery>. Acesso em: 03 de fev, 2025.

noção útil do letramento histórico deve levar em consideração as noções que os estudantes possuem da disciplina História, qual passado eles podem acessar e qual a sua relação com o presente e o futuro. Ainda segundo Lee, a educação histórica deve ter como principal projeto o desenvolvimento de estruturas aproveitáveis do passado que permitam os estudantes assimilar novos eventos e processos (Lee, 2006. p. 131). O autor defende que existem três princípios básicos para construção da literacia histórica; primeiro, os estudantes devem entender a História como um compromisso com a indagação, com marcas de identificação e vocabulário especializado. Segundo, devem compreender como é possível o conhecimento da História e que as explicações podem ser contingentes ou condicionais. Terceiro, que as considerações históricas não são cópias do passado e que devem ser avaliadas como respostas em termos dos documentos analisados, dos seus poderes explicativos e das relações com outros conhecimentos. Com essas ideias em mente, propusemos as disciplinas e nos colocamos a refletir sobre a construção do plano de curso após a eleição da disciplina de História Oral por parte dos estudantes.

2. HISTÓRIA ORAL

Com frequência a História Oral é remetida aos tempos de Heródoto, como forma de legitimar sua prática. Isso ocorre devido a primazia do documento escrito que ainda se caracteriza como uma das “marcas de nascença” na construção do saber histórico. Contudo, segundo Vidal (2006), talvez compreender a História Oral como um método do presente seja a melhor forma de lidar com ela. Souza e Lima (2022) apontam que a História Oral é uma metodologia desenvolvida desde fins da década de 1950, amplamente utilizada e consolidada ao redor do mundo e que chega a este início de século XXI cumprindo um papel de dialogicidade, partindo de fontes vivas e que devem ser entendidas como sujeitos que pensam, sentem, selecionam e interpretam a sua própria história.

No Brasil, o desenvolvimento da História Oral sempre esteve atrelado às universidades enquanto uma especialidade acadêmica perseguida que encontrou espaço com o desenvolvimento dos cursos de pós-graduação. Enquanto em outros países, sua presença foi marcante nas bibliotecas, arquivos e institutos de pesquisa acadêmica (Rodeghero, 2016). Embora tenhamos observado um grande

crescimento de estudiosos dedicados às pesquisas na área de História Oral, além de muitos estudos focados na formação de professores, não verificamos uma presença consistente no ensino de História na educação básica, tendo como foco a prática dos estudantes.

Segundo Verena Alberti:

> A História oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram e ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo como forma de se aproximar do objeto estudado. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos e etc. (Alberti, 1989: 52).

Trabalhar com a História Oral em sala de aula permite aos estudantes entrarem em contato com suas identidades, lidando com memórias coletivas de suas comunidades. Nesse processo, o estudante estabelece diálogos, tem a possibilidade de compreender a multiplicidade de visões em seu meio, estabelece trocas, desenvolve sua consciência histórica e se compreendem como sujeitos históricos (Vieira; Farias, 2016). Além disso, o uso de fontes não escritas em sala de aula pode "*diminuir a distância entre a história que se ensina e a história que se escreve*" (Schmidt, 1998. p. 60). Assim, apostamos no desenvolvimento de uma atitude historiadora, que permita captar elementos que fogem às evidências tradicionais. Realizamos a aposta de Paul Thompson, onde a História Oral possibilita aos estudantes vivenciar a História em um nível prático e desenvolvendo habilidades de pesquisa, um sentido de evidência, habilidades linguísticas e sentido de especificidades do local, promovendo o debate e a cooperação (Thompson, 1998). Colocando o estudante como partícipe, protagonista e construtor da História, desenvolvendo uma percepção diferenciada do passado que contribui para a compreensão do conhecimento histórico.[3]

[3] Segundo Joutuard (1998), a História Oral pode ser dividida em duas áreas, uma mais ligada à ciência política que favorecesse às elites e outra mais próxima das camadas populares excluídas da História oficial. Ferreira (2002) aponta a presença de duas linhas de trabalho na História Oral, a primeira delas compreende a produção de fontes orais como o preenchimento de lacunas, já a segunda privilegia o estudo das representações do passado, atribuindo centralidade nas relações entre História e memória realizando uma discussão mais profunda sobre os usos do passado. Essas distinções não nos importam, a primeira delas porque adotamos como princípio deixar completamente livre a escolha dos temas e as narrativas atuando apenas como orientador, assim não surpreenderia

A História Oral pode ser compreendida em uma dupla dimensão, seja como método de pesquisa visando o registro da memória narrada do indivíduo, seja como fonte que diz respeito aos resultados desse método (Santiago; Magalhães, 2015). Essa dupla dimensão evidencia uma característica singular da História Oral, o fato de que o historiador produz a sua própria fonte. Característica que nos facilita no objetivo de oferecer aos estudantes não só a possibilidade de uma análise crítica das fontes, mas que também atendem aos princípios básicos da construção da literacia histórica proposta por Peter Lee, em especial de acessar um passado que esteja ao seu alcance. Acreditamos que, embora a História Oral seja um método menos comum nas pesquisas em História, não resta margem para questionamento sobre a legitimidade do uso das fontes orais. Há, contudo, autores que debatem sobre a História Oral se constituir um método que permite a aprendizagem dentro de não hierarquizadas (Rovai, 2020; Santhiago; Magalhães, 2020), ou que ela é uma método mais democrático por permitir a voz dos excluídos e abordar conteúdos alijados da oficialidade (Guedes-Pinto, 2002. p. 82). Diana Vidal pondera que esta visão falseia o processo de constituição da fonte oral, em suas palavras: "*Coloca os historiadores atrás do cenário, fazendo-nos ver apenas as marionetes e não quem puxa os cordões*" (Vidal, 2006. p. 78). O documento oral produzido é o resultado da interação entre entrevistado e entrevistador, mas não ocorre sem interferências (seja do gravador ou da presença do entrevistador).[4] Além disso, ao final passa pelo crivo do historiador que irá fazer uma nova seleção. Aqui não nos importa aprofundar nesse debate, apenas cabe ressaltar que o trabalho em História Oral pressupõe a formação de uma fonte oral específica, resultante de um processo de elaboração e pesquisa por parte do historiador (Ferreira, 2002. p. 329).[5]

se algum grupo de estudantes optasse pela pesquisa sobre algum membro da elite local. A segunda distinção não nos importa, pois não estava posto construir projetos que visassem preencher lacunas de histórias já contadas por meio de documentos escritos.

[4] Para maior aprofundamento na relação dialógica entre entrevistado e entrevistador, recomendamos a leitura de Alves (2016), Portelli (2012) e Bom Meihy (2005).

[5] Segundo Ferreira (2002), mesmo com as transformações no campo da História tendo aberto espaço o estudo do presente e a reincorporação do papel do indivíduo no processo social habilitando relatos orais, ainda há quem defenda o uso do termo "fontes orais" em detrimento de "História Oral" revelando uma desvalorização do método. A autora defende a distinção dos termos "documentação oral" e "fonte oral", onde o primeiro seria coletado para fins documentais e o segundo resultado do material coletado pelo pesquisador para o atendimento das necessidades de sua pesquisa, em função de hipóteses particulares.

Diante de tantas desconfianças e dos objetivos propostos no caso específico da disciplina eletiva de História Oral, cabe o reforço do zelo à uma metodologia capaz de produzir fontes orais e assegurar o *status* de ciência ao trabalho, desde o planejamento, passando pela produção das fontes até a síntese dos trabalhos (tema que será abordado na seção seguinte). No momento, importa marcar nossa posição de que compreendemos tanto as fontes escritas, quanto fontes orais, como "monumentos", ou seja, documentos históricos criados por determinações objetivas e subjetivas, sendo vital utilizá-los em virtude do que podem oferecer para a compreensão do passado. Reforçamos com os estudantes tanto esse caráter de fonte histórica como as relações do presente com o passado investigado, visto que construímos a História com as lentes de nosso próprio tempo. Compreendemos a História Oral como um método válido, nem mais democrático, extraordinário ou revolucionário. Nas palavras de Vidal: "Nem melhor nem mais importante do que um antiquíssima lasca de sílex; nem mais democrática do que uma carta ou uma obra de arte. Sua importância (ou sentido mesmo) está no que o historiador faz com ela" (2006. p. 82).

Cabe ainda destacar o papel incessante da História Oral na sua relação com a memória, ela permite a reconstrução da História por meio das palavras de quem sente e revive ao construir sua narrativa. É, portanto, algo que vai além dos fatos concretos narrados de forma linear, ela é cheia de significados e sentimentos. O entrevistado ao narrar sua experiência o faz de forma individual, mas há individualidade capaz de escapar às marcas sociais? Segundo Alves (2016), na entrevista, o entrevistado reformula sua identidade na medida em que se vê como "criador da história". O mesmo ocorre quando o estudante se vê diante das diversas narrativas coletadas, naquele momento ele tem o poder de decidir quais falas serão registradas e quais serão descartadas da seleção que formará o trabalho final. Daí a importância de reafirmação de um compromisso ético, tanto com a empatia em relação ao entrevistado, quanto com o respeito ao fazer uso de seu depoimento preservando a sua visão. Esse aspecto do passado imediato no presente das pessoas é o ponto nevrálgico da História Oral. Contudo, buscamos seguir o alerta dado por Mauad (2016) e tomar memórias como objetos de estudo a serem inquiridos criticamente, orientando para seu potencial que vai além do papel

celebrativo ou sua capacidade de sensibilização. Do mesmo modo, alertamos para o risco de fazer uma história fragmentada sem conectar as histórias individuais com coletividades mais amplas por meio de interpretações (Schmidt; Cianelli, 2004. p. 127).

Por fim, importa abordar mais uma característica da História Oral, Portelli (2012) chama a atenção para uma questão dialógica no tratamento da fonte em História Oral, pois ela começa na oralidade e termina na palavra escrita do historiador. O autor entende a História Oral como um gênero de narrativa e discurso histórico dialógico criado pelo entrevistado e pelo historiador em campo, toma seu encaminhamento em direção ao texto escrito do historiador como elemento que difere a História Oral da expressão oral e cultural que atua na oralidade. Outros autores também versam sobre essa questão. No entanto, no nosso caso, cremos não se aplicar essa distinção visto que o produto final do trabalho se manterá na oralidade sendo organizado em um *podcast*. Mas ainda assim, o classificamos como História Oral, pois é resultado de um trabalho de pesquisa previamente estruturado, roteirizado e construído a partir de fontes orais que se distinguem de meras entrevistas. Aqui, acreditamos ser espaço privilegiado para as transformações recentes das tecnologias de comunicação e informação, mediante o crescente número de *podcasts* com finalidades educacionais e de divulgação científica. Espaço em que a História Oral possui grande potencial.

3. A DISCIPLINA ELETIVA DE HISTÓRIA ORAL - EXECUTANDO A PROPOSTA

Na primeira aula do ano letivo, aproveitamos para pactuar com os estudantes como se daria o desenvolvimento das atividades. Muitos estavam ansiosos em virtude da mudança de etapa na escolaridade, as novidades trazidas pelo Novo Ensino Médio, o aumento do número de componentes curriculares e ainda a novidade de disciplinas eletivas. Aqui cabe esclarecer que a disciplina de História Oral foi escolhida pela maioria, mas não por todos que a cursaram. De início pactuamos que as avaliações não ocorreriam de modo tradicional e que em tese estariam todos aprovados, contudo seria necessário entregar um trabalho de conclusão de curso ao final do ano letivo (outra novidade, pois estão acostumados com avaliações bimestrais somativas). Tal trabalho de conclusão poderia ser escrito

(em forma de artigo) ou em forma de *podcast*, esta segunda sendo a mais indicada por criar maior aproximação do público e por envolver o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas às novas tecnologias de informação e comunicação. Ainda tomados por certa insegurança, os estudantes foram orientados a pensarem na composição dos grupos que formariam e em possíveis temas.

Aproveitando a estrutura bimestral obrigatória, dividimos nosso curso em duas etapas, uma teórica e outra voltada para a prática. Cada uma dessas etapas teriam duas subdivisões acompanhando os bimestres da seguinte forma: No primeiro bimestre, metodologia da História (com foco no trato das fontes históricas), a historicidade do campo de História Oral e suas características como metodologia e disciplina. Era preciso aproximar os estudantes da História Oral, visto que muitos jamais tiveram contato com qualquer trabalho na área e nem mesmo haviam participado de projetos de iniciação científica. No segundo bimestre, atuamos de forma a inseri-los nas metodologias e técnicas da disciplina, tratando temas como gêneros de História Oral, tipos de entrevistas, procedimentos de pesquisa em geral (delimitação do tema, seleção de fontes e entrevistados…) e etapas da pesquisa em História Oral (elaboração de roteiros, procedimentos durante as entrevistas e tratamento dos dados levantados). Nesta etapa foi produzido um Manual de História Oral para servir de guia.[6] Já no terceiro bimestre, a tarefa seria realizar as entrevistas de acordo com as orientações contidas no Manual de História Oral, o tempo das aulas foi dedicado à orientações sobre o andamento da pesquisa, eventuais adaptações no tema estudado e debates sobre o desenvolvimento dessas entrevistas. Por fim, no quarto bimestre, as aulas foram dedicadas aos debates sobre a seleção dos conteúdos e orientações para a edição do material.

Entendemos como fundamental estabelecer procedimentos para a produção das fontes orais, tanto para a garantia do *status* de ciência nos trabalhos realizados, quanto para a garantia de padrões básicos para atuação dos grupos. Inspirados na obra *Manual de História Oral* (Bom Meihy, 2005), pensamos em um documento que fosse um guia aos estudantes, de modo a ser menos normativo e mais uma

[6] PEREIRA, Adebiano. **Manual de História Oral**. Núcleo de Estudos e Pesquisas Histórico-Geográfico de Piau. Disciplina de História Oral. V. 1. 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1vHpJv9-7J9hH_6bcS8hg0rVNJfeP_dnB/view?usp=sharing>. Acesso em: 05 de fev. 2025.

orientação para um trabalho de campo eficiente. Buscamos estabelecer procedimentos básicos que garantem a segurança dos estudantes[7] e asseguram uma metodologia apurada dentro dos limites técnicos e pedagógicos dados pela realidade dos estudantes e da disciplina. Da parte docente foi adotada uma postura radical no sentido de deixar completamente livre às escolhas feitas pelos grupos, atuando apenas como um coordenador dos projetos em curso, chamando a atenção para a presença do passado como algo que se estende ao presente e cujo processo histórico ainda não está acabado. Segundo Bom Meihy (2005), essa presença do passado no presente é a marca da História Oral como uma "história viva". Por fim, cabe expor que na coordenação desses trabalhos pensamos a comunidade de destino como elemento que garante sentido à produção das pesquisas, daí a importância de evitar o formalismo acadêmico e orientar para a procura do sentido a aspectos da vida na produção dos trabalhos.

Desde a etapa teórica, a turma estava dividida em quatro grupos que continham entre cinco e sete estudantes (inicialmente cinco grupos, contudo um deles se dissolveu nos demais por opção dos estudantes) e, ao término do primeiro semestre, eles selecionaram seus temas e preencheram a Ficha Temática para a Produção de Trabalhos,[8] como forma de monitoramento e orientação para delimitação do tema. Após a delimitação do tema, os possíveis entrevistados foram selecionados e os debates durante as aulas giravam em torno do potencial explicativo de cada entrevistado para a compreensão do objeto de estudo. Passo seguinte à elaboração dos roteiros de entrevistas e agendamentos, nesta fase as discussões em aula se dedicavam a compartilhar imprevistos, dificuldades e eventos chamativos ocorridos durante as entrevistas. Além das verificações de aplicação das Fichas de entrevistas[9] e Termo de Cessão de Consentimento Esclarecido[10] para cada entrevista.

[7] Foi elaborado um Termo de Ciência da Escola assinado pela direção tomando conhecimento de que os estudantes fariam trabalhos de campo fora da escola como parte da disciplina eletiva, os estudantes informaram previamente quem seriam os entrevistados e foram orientados a nunca realizarem entrevistas com apenas um dos membros do grupo.
[8] Anexo III do Manual de História Oral (2023).
[9] Anexo I do Manual de História Oral (2023).
[10] Anexo II do Manual de História Oral (2023).

De modo geral, os grupos optaram por temas que tangenciam suas vidas escolares, muitas fontes foram produzidas a partir de depoimentos de professores, pessoas próximas aos estudantes e até mesmo entre colegas de classe. Os trabalhos foram os seguintes: primeiro, *Múltiplos olhares da educação em Piau*, originalmente buscavam reconstruir a História da escola em que estudam, mas observando as dificuldades, passaram a buscar compreender como se constroem narrativas, em especial, dos profissionais que passaram pela escola observando as transformações vividas pela instituição. Entrevistaram o professor mais antigo da escola, uma ex-diretora e uma ex-aluna que atualmente integra o corpo docente. O segundo grupo, pesquisando a *Festa da Banana*, buscou investigar as raízes da principal festa da cidade, observando como ela é vista atualmente, em especial pela juventude. Entrevistaram o ex-prefeito criador da festa, um dos organizadores na atualidade e duas colegas de turma vencedoras do tradicional concurso Garota Piauense (edições de 2023 e 2024) que ocorre durante a festa.

O terceiro grupo, *Diferentes pontos de vista sobre comunicação e tecnologia*, buscou investigar como as novas tecnologias da informação e comunicação têm avançado e como é percebida por diferentes gerações. Entrevistaram uma senhora de 79 anos que usa redes sociais diariamente, um professor de robótica que atua no município, um professor da disciplina de tecnologia e inovação que atua na escola e uma adolescente de 16 anos. Sobre este grupo vale frisar que identificaram o volume de trabalho para dar conta do tema, mas realizaram adaptações para que fosse exequível dentro do tempo, condições e limites propostos pela disciplina e cumpriram o cronograma previsto. Destaque ainda para o apego ao método, pois uma das entrevistadas pediu para refazer a entrevista, o grupo seguiu a solicitação conforme previsto no manual, mesmo contrariados pela perda de espontaneidade na fala.

Por fim, no quarto grupo temos; *Impactos da pandemia no município de Piau.* Este trabalho buscou coletar narrativas que dessem conta dos impactos da pandemia na vida social da cidade, selecionou precisamente os entrevistados que pudessem auxiliar nessa compreensão no âmbito do poder público nas áreas de saúde, educação e assistência social, além de uma representante da população afetada. Entrevistaram uma técnica de saúde que atuou na linha de frente, a diretora

da escola que atua nos anos iniciais do ensino fundamental no município, um professor de ciências/biologia da própria escola onde estudam e uma cidadã que enfrentou a doença e perdeu a mãe em virtude das complicações trazidas pela covid-19.

4. GANHOS DA EXPERIÊNCIA COM HISTÓRIA ORAL

Como podemos observar, os grupos selecionaram temas diversos de um passado acessível, buscaram reconstruir uma história viva que toca diretamente no seu presente e nas suas relações com a comunidade. Características comuns nos projetos de História Oral, mas que poucas vezes possuímos a oportunidade de explorá-los com tal profundidade ao longo da vida escolar. Além disso, puderam enfrentar barreiras muito comuns nas rotinas de pesquisas em História como a necessidade de reorientação do tema de investigação, a compreensão da escrita da História como um compromisso com a indagação, a inquirição das fontes e a formulação de explicações contingentes. Isso sem falar no desenvolvimento de habilidades socioemocionais no trato com os conflitos dentro dos grupos, a aproximação empática com membros da comunidade e a reelaboração das suas próprias identidades a partir das narrativas construídas.

Na fase final dos trabalhos, a edição, os estudantes demonstraram o valor da História Oral e sua relação com as novas tecnologias e a criatividade. Mais uma vez mantivemos a postura de coordenador do programa, apenas orientando possíveis dúvidas e mediando debates sobre a seleção das fontes e narrativas a serem construídas. Com todos os grupos dispostos a construírem um *podcast*, debatemos sobre *storytelling* e o papel das emoções que buscavam proporcionar a partir das suas narrativas. Assim como esses estudantes não são historiadores, também não são técnicos de som e nem editores, tão pouco os objetivos do curso estavam dedicados à formar pessoas nessas áreas. Deixamos em aberto a escolha das ferramentas que tivessem melhor familiaridade, neste sentido os estudantes surpreenderam ao dar novos usos a aplicativos que já faziam parte de sua rotina e em descobrir novas ferramentas para o tratamento do áudio e edição do material produzido. Pensando na comunidade de destino, ou seja, a comunidade do entorno da escola e pessoas entrevistadas, chegamos à conclusão de que uma *playlist* no

Youtube seria a forma mais acessível de divulgação dos trabalhos. Assim foi criada a *playlist* **História Oral - Ano Letivo 2024**.[11]

Do ponto de vista da aprendizagem em pesquisas de modo geral, podemos notar um saldo positivo no sentido que tiveram de se organizar para a realização de tarefas duradouras. Além disso, experimentaram dificuldades comuns às pesquisas (em especial na área de História) como a dificuldade de acesso às fontes, a necessidade de adequação do objeto de estudo e formulação de questões investigativas. Ainda dificuldades específicas dos trabalhos em História Oral, tais como dificuldades de comunicação intergeracional, obstáculos em obter as informações dos entrevistados e a desenvolver soluções para problemas técnicos. Nossa postura de radical no sentido de não intervenção ao longo de todo projeto (se restringindo apenas às orientações do ponto de vista técnico e investigativo) favoreceu ao questionamento das suas escolhas, a problematização de questões, o trabalho colaborativo e o fortalecimento da autonomia para lidar com problemas complexos das rotinas de pesquisas.

Do ponto de vista da literacia histórica, avaliamos que eles conseguiram acessar um passado possível, tanto no que tange aos objetos de estudo selecionados, quanto na escolha dos entrevistados. A predileção por entrevistar professores e colegas da escola revela não só uma estratégia para facilitar a produção de fontes orais, mas também a compreensão da historicidade presente a sua volta. Os ganhos pedagógicos no ensino de História e na compreensão da produção do seu conhecimento são extensos, além da compreensão das dinâmicas próprias da investigação em ciências humanas. Ao cabo da experiência, podemos afirmar que os estudantes passam a perceber a si mesmos e sua comunidade como sujeitos da História; desenvolveram uma percepção diferenciada do presente e suas relações com o passado; o uso da memória mobiliza a consciência histórica dando sentido à experiência, desenvolvem uma compreensão mais palpável do conceito de fonte histórica e a crítica necessária ao seu uso; estabelecem com maior clareza as relações entre a micro e a macro-História e desenvolvem uma melhor compreensão de como a comunidade faz parte da construção de suas identidades. Por fim, o uso

[11] **História Oral - Ano Letivo 2024**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aQ8EJJ26upA&list=PL3qPIU9V0x68pM-OWnpmu5S96OVt8bZXb. Acesso em: 09 de fev, 2025.

de fontes orais quebra o mito da História cristalizada e imutável, o estudante compreende a História como uma ciência comprometida com a indagação e sua produção como tributária de seu próprio tempo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhos desenvolvidos em sala de aula com História Oral suscitam várias dimensões e abrem espaço para discussões em vários âmbitos, ao final podemos extrair ricas e variadas reflexões. Contudo, cremos que o saldo maior se deve à compreensão por parte dos estudantes de que o conhecimento histórico é resultado de explicações e questionamentos tributários de seu próprio tempo, provisórias e contingentes. Projetos como o descrito rompem com a ideia de que o conhecimento histórico escolar precisa ser linear e orientado a uma visão única. A partir da produção dos trabalhos acreditamos ter contribuído para o desenvolvimento de uma ética que respeita as diferenças e facilita a compreensão das identidades nos processos de construção narrativa, que torna o presente histórico ao conseguirmos historicizar várias dimensões que o compõem.

Tomando a História Oral como metodologia e disciplina que valoriza os sentimentos, construímos narrativas em que todos são personagens históricos, o cotidiano e os grandes eventos canônicos se aproximam na medida em que se enlaçam garantindo sentido à vida coletiva. Partindo do local, buscamos inserir a vida comunitária em contextos maiores que possibilitam análises das teias de relações. Deste modo, acreditamos revelar novos sentidos para a ciência histórica e uma compreensão mais apurada dos métodos de produção de conhecimento em ciências humanas.

Por parte do professor, a experiência nos leva a endossar as colocações de Selva Fonseca,

> [...] projetos de História Oral na educação básica pressupõem uma concepção de ensino de História que envolva a investigação, a pesquisa, a produção de saberes. O professor desempenha o papel de coordenador, o gestor das ações educativas, o mediador capaz de repensar, religar pesquisa e ensino, saberes e práticas. (Fonseca, 2016: 137).

Para garantir a operacionalidade, é preciso deixar que os estudantes ocupem o centro dos processos, também é necessário que o professor assuma uma postura crítica em relação às concepções de História hegemonizadas na academia e no ensino. Se faz necessário assumir uma postura pedagógica capaz de compreender e abrir espaço para que os movimentos sócio-históricos, as temporalidades, contradições e especificidades se representem sem que para isso tenhamos de perder de vista as teias de significados que entrelaçam as narrativas construídas com histórias mais abrangentes. Sem dúvida, uma aventura desafiadora, até por isso emocionante.

Como registro final, lamentamos o recuo da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais ao não dar prosseguimento com as disciplinas formuladas pelos professores da rede estadual para o catálogo de Eletivas de 2025, trazendo um número bem reduzido de possibilidades. Assim, tal experiência e outras tantas se tornam impossíveis para os próximos anos letivos.

REFERÊNCIAS

ALVES. M. **A importância da História Oral como metodologia de pesquisa**. IV Semana de História do Pontal. III Encontro de Ensino de História. Política, Gênero e Mídia na pesquisa e no Ensino de História. Universidade Federal de Uberlândia. 2016. Disponível em: https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf. Acesso em: 16, nov, 2023.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**, 5ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FERREIRA, Marieta M. **História, Tempo Presente e História Oral**. Topoi, Rio de Janeiro, dez, 2002, p. 314-332. Disponível em:https://www.scielo.br/j/topoi/a/fpGyHz8dRnk56XjcFGs736F/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 14 mar, 2024.

GUEDES-PINTO, Ana L. **Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora:** a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais. Campinas, Mercado de Letras, 2002.

PEREIRA, Adebiano. Múltiplos olhares da Educação em Piau. YouTube, 28, nov.2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aQ8EJJ26upA&list=PL3qPIU9V0x68pM-OWnpmu5S96OVt8bZXb>. Acesso em: 09 de fev, 2025.

JOUTARD, P. **História oral:** balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LEE, P. **Em direção a um conceito de literacia histórica.** Educar em Revista. Editora UFPR, Curitiba, p. 131-150, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/DPFPv67KqKrWcc8nXWLBftM/. Acesso em 19 de jul, 2023.

MAUAD, A. M. **Memórias em movimento: a experiência com fontes orais e visuais do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF.** *In:* RODEGHERO, C. S; GRINBERG, L; FROTSCHER, M. (Org's). História oral e práticas educacionais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Catálogo de Eletivas 2024.** Belo Horizonte: SEE MG, 2023. Disponível em: https://www.educacao.mg.gov.br/documentos-legislacao/anexo-4-catalogo-de-eletivas/#gallery. Acesso em: 03 de fev, 2025.

AUTOR. **Manual de História Oral**. Núcleo de Estudos e Pesquisas Histórico-Geográfico de Piau. Disciplina de História Oral. V. 1. 2023. Disponível em:suprimido para não identificação do autor. Acesso em: 05 de fev. 2025.

PORTELLI, A.; JANINE RIBEIRO, T. M. T.; RIBEIRO FENELON, R. T. D. HISTÓRIA ORAL COMO GÊNERO. **Projeto História :** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, *[S. l.]*, v. 22, 2012. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10728 . Acesso em: 22 nov. 2023.

RODRIGUES DE SOUSA, F.; MORAIS GARCIA LIMA, L. **História oral e educação popular: reflexões sobre metodologia e práticas de pesquisa pautadas no diálogo e na escuta sensível.** História Oral, *[S. l.]*, v. 25, n. 2, p. 135–152, 2022. DOI: 10.51880/ho.v25i2.1262. Disponível em: https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1262. Acesso em: 3 fev. 2025.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **"A gente é pessoa!": narrativas de mulheres trans sobre Direitos Humanos**. Tempo & Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, jan./abr. 2020. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0105. Acesso em: 24 out. 2021.

SANTHIAGO, Ricardo.; MAGALHÃES, Valéria. **História oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SANTHIAGO, Ricardo.; MAGALHÃES, Valéria. **Rompendo o isolamento:** reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. Anos 90, Porto Alegre, v. 27, 2020.

Disponível em: https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/102266/58383. Acesso em: 9 out. 2021.

SCHIMIDT, M. A. **A Formação do professor de história no cotidiano da sala de aula**. In: BITENCOURT, Circe (org). Saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1998.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M.. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

FONSECA, S. G. **História local e fontes orais:** uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. Revista de história oral, vol 09 pg.125 a 141, janeiro-junho de 2016. Disponível em: https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/193/197. Acesso em: 12 de fev. 2025.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. 2ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1998.
VIEIRA, A. V. L; FARIAS, J. **História Oral; Experiências para o Ensino de História**. XV Encontro Estadual de História do Ceará. Jul. 2016. Disponível em: https://uece.br/eventos/eehce2016/anais/trabalhos_completos/249-40016-30012017-101754.pdf. Acesso em: 17 de fev. 2024.

VIDAL, D. G. De Heródoto ao Gravador: Histórias da História Oral. **Resgate:** Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 77–82, 2006. DOI: 10.20396/resgate.v1i1.8645455. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645455. Acesso em: 16 de nov. 2023.